



A invasão russa à Ucrânia

Paulo Roberto da Silva Gomes Filho

Fonte: Adobe Stock Web

A invasão do território ucraniano pela Rússia, em 24 de fevereiro de 2022, surpreendeu o mundo. Não tanto pela ação militar em si, que já vinha sendo prevista pelos serviços de inteligência ocidentais semanas antes do ataque, mas pelo retorno ao solo europeu daquilo que alguns analistas militares e muitos estudiosos civis se precipitaram em dar como extinta, pelo menos no teatro de operações europeu: a guerra de alta intensidade.

Afinal, com o fim da Guerra Fria, no início da década de 1990, e com a Guerra ao Terror, travada pelos EUA e seus aliados a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, parecia que estavam confirmadas as palavras iniciais escritas pelo general britânico Rupert Smith, em 2005, no seu influente livro *A Utilidade da Força – a arte da guerra no mundo moderno*:¹ “Já não existem guerras”.

Smith explicou sua assertiva: “A guerra – tal como é cognitivamente conhecida pela maioria dos não combatentes, como uma batalha campal entre homens e material, ou ainda um grande evento decisivo numa disputa internacional – já não existe”.

Em defesa dessa opinião que hoje se mostra completamente equivocada, diga-se que, àquela época, realmente parecia que o mundo caminhava naquela direção. Francis Fukuyama escrevia sobre o “fim da história”² Os EUA se tornavam a única superpotência, um país hegemônico no sistema internacional, e os valores que ele representava, democráticos e liberais, pareciam destinados a prevalecer na maior parte das nações. O mundo se lançava em uma globalização sem precedentes, passando a viver uma fase de interdependência econômica, comercial e tecnológica inédita, condição que atua fortemente em favor do entendimento e da solução pacífica de controvérsias, visto que o estabelecimento de fortes laços econômicos e as chamadas cadeias globais de valor atuam como amortecedores a dirimir conflitos e evitar escaladas de tensões. Excetuando-se as zonas de instabilidade de sempre, em regiões periféricas do globo, em que governos considerados não democráti-

¹Edições 70. (Lisboa, Portugal, 2005).

²O fim da história e o último homem. Ed Rocco (2015).

cos e entes não estatais e grupos terroristas personificavam o inimigo a ser combatido pelas grandes potências, o conflito de alta intensidade, entre exércitos regularmente constituídos, parecia realmente superado.

Mas a roda da história não para de girar e a guerra, como James Hillman apontou,³ “é normal, afinal ela é constante e universal”. E a geopolítica continua a explicar as razões pelas quais os Estados escolhem ir à guerra.

O primeiro alerta de que a história não tinha acabado veio com a invasão da Geórgia pelos russos, em 2008, e o consequente reconhecimento de duas novas “repúblicas”, que se declararam independentes: Abecásia e Ossétia do Sul. A ascensão de Xi Jinping ao poder na China, em 2012, e o grande impulso estratégico que ele deu às suas forças armadas, que passaram por uma reorganização e rapidíssima modernização, também fizeram soar alarmes nos estrategistas ocidentais. O terceiro e decisivo alerta foi a anexação da Crimeia pelos russos e o apoio aos separatistas das regiões de Lugansk e Donetsk, na região do Donbas, no Leste da Ucrânia.

Os alertas ecoaram nos centros de estudos estratégicos dos principais países do Ocidente. Em 2017, os EUA lançaram o conceito de Operações em Múltiplos Domínios, já voltado para a guerra de alta intensidade em largas frentes. Em 2018, o país publicou sua estratégia militar, em que a “guerra ao terror” perdeu importância, e a nova prioridade passou a ser a competição entre Estados. O documento lista nominalmente os potenciais inimigos: China, Rússia, Irã e Coreia do Norte. À Rússia, o documento atribui ações de violação de fronteiras e a intimidação de países vizinhos.

Reino Unido e França, ambos em 2021, também lançaram revisões de seus documentos norteadores de Defesa. Os britânicos identificavam nominalmente a Rússia como sendo a maior ameaça à segurança europeia. O documento francês seguiu a mesma ideia.

³ A terrible love of War (Nova York, 2004).

Como se vê, a guerra russo-ucraniana estava anunciada nos documentos estratégicos das principais potências militares do Ocidente. Mas, por uma série de razões, as lideranças políticas não foram capazes de evitá-la. E a guerra veio. Em 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu o território ucraniano.

Quando a invasão começou, a expectativa era de que a campanha fosse rápida e ação militar russa decisiva e fulminante. Serviços de inteligência e analistas civis e militares especulavam que Kiev cairia em 96 horas. Afinal, tratava-se do embate entre a segunda maior potência militar do planeta, um exército experimentado pela atuação na Síria, na Líbia e em diversas ações em países de seu entorno estratégico, contra uma nação com poder militar absolutamente inferior em meios, pessoal, orçamento e equipamentos militares.

Mas, no momento em que escrevo, a guerra já está no sétimo mês, sem perspectiva de terminar. A tentativa inicial russa de um avanço em quatro frentes, uma delas direcionada diretamente a Kiev, fracassou, e o comando atacante foi obrigado a modificar seu planejamento, abandonando duas das quatro direções de ataque iniciais, as de Norte e Nordeste, e passando a investir com maior intensidade no Leste, para conquistar as províncias de Lugansk e Donetsk, e no Sul, para consolidar os avanços sobre as províncias de Kherson e Zaporzhzhya.

A resistência ucraniana que levou a guerra a durar muitíssimo mais do que o previsto por Putin e seus generais pode ser atribuída a uma série de fatores. Primeiramente, e mais importante, o elevado moral da tropa e da população, que entendeu a guerra como uma batalha pela própria sobrevivência de sua pátria e de seu modo de vida. E a força moral, como ensina Napoleão, está em relação às forças materiais, numa relação de 3 para 1 em importância.⁴

O presidente ucraniano Volodymyr Zelensky tem importância na construção dessa fortaleza moral. Comediante famoso em seu país, foi guindado à presidência sem



O planejamento inicial do ataque
Fonte: Reuters

antes ter passado por qualquer cargo político. Eleito em 2019 com mais de 70% dos votos, sua aprovação pelos ucranianos, no início de 2022, estava em torno de 30%. Mas, após o início do conflito, sua popularidade triplicou, passando de 90% de aprovação. Isso aconteceu porque Zelensky surpreendeu a todos fazendo basicamente o que se espera de um líder político nessas situações: galvanizou a vontade de lutar do povo ucraniano e angariou apoios internacionais fundamentais ao esforço de guerra de seu país.

Para efetivamente exercer a liderança, a pessoa deve reunir três qualidades fundamentais: proficiência profissional, ou seja, saber fazer o que deve ser feito no cargo que desempenha; senso moral, servindo de exemplo das virtudes morais esperadas dos liderados; e atitude, tomando as medidas adequadas, no tempo correto, em prol do atingimento dos objetivos almejados por toda a coletividade.

Zelensky soube exercer a presidência em tempos de guerra, até o momento, atendendo a esses requisitos. Mantendo-se no nível de decisão político/estratégico, delegou as decisões de nível operacional e tático aos generais ucranianos. Manteve-se na capital do país, Kiev, durante todo o tempo, mesmo na fase inicial da guerra, com a cidade sob ataque e quando se acreditava que as tropas russas conquistariam a capital rapidamente, demonstrando com isso coragem pessoal e empatia com a população.

Utilizando com maestria sua capacidade de comunicação, cultivada certamente pela profissão de ator, Zelensky passou a se dirigir diariamente à população, sempre com uma mensagem de otimismo e de união do povo ucraniano. Ao mesmo tempo, dirigiu-se à comunidade das nações, falando em inúmeros fóruns por videoconferência, conversando com os mais importantes chefes de Estado, inclusive recebendo muitos deles em Kiev. Soube assim aproveitar-se da boa vontade já existente em favor da Ucrânia no Ocidente para angariar apoios importantíssimos para o esforço de guerra ucraniano.

Assim chegamos a outro ponto fundamental para explicar a resiliência ucraniana no conflito até aqui: o massivo apoio em equipamentos e dinheiro vindos dos EUA e seus principais aliados. Somente os Estados Unidos forneceram, em dados de 16 de setembro de 2022,⁵ 16,2 bilhões de dólares em ajuda militar aos ucranianos. Isso inclui diversos sistemas de armas, como mísseis antiaéreos e anticarro, obuseiros, lançadores múltiplos de foguetes, radares, blindados leves, helicópteros, munições e explosivos, dentre outros equipamentos, além de apoio de inteligência e de treinamento de pessoal. Além dos EUA, cerca de 50 países também prestam assistência à Ucrânia, fornecendo ou se comprometendo a fornecer mais de US\$ 13 bilhões em assistência.

A Rússia, como se vê, enfrenta uma Ucrânia que recebe um grande reforço em meios, logo, com um poder de combate significativamente ampliado em relação ao que teria caso travasse a guerra isoladamente.

Incapaz de conquistar Kiev, o centro político de poder ucraniano, os russos con-

⁵ Veja o artigo - The Strengths And Weaknesses Of Napoleon Bonaparte History Essay <https://www.ukessays.com/essays/history/analyse-the-strengths-and-weaknesses-of-napoleon-bonaparte-history-essay.php#:~:text=He%20believed%20in%20the%20maxim,a%20way%20to%20gain%20the>

centraram-se em objetivos mais modestos, mas que, caso fossem dominados, poderiam constituir pelo menos uma vitória parcial, que pudesse ser oferecida à opinião pública do país e que desse condições mínimas para negociar uma paz com alguma vantagem.

Assim investiram nas duas províncias do Donbas: Lugansk e Donetsk. No momento em que escrevo, fins de setembro de 2022, Lugansk foi conquistada totalmente. Já em Donetsk, apenas parcialmente, os russos enfrentam uma contraofensiva ucraniana. No Sul, onde os ucranianos também contra-atacam, os russos dominaram parcialmente duas províncias: Zaporzhizhya e Kherson. Essa região forma uma ponte terrestre, ligando a península da Crimeia ao território russo e dominando inteiramente o Mar de Azov, o que a torna, sem dúvidas, uma região bastante importante do ponto de vista geoestratégico. No dia 30 de setembro, essas quatro províncias foram anexadas ao território russo, após referendos que não obtiveram reconhecimento da comunidade internacional, o que escala ainda mais, e de forma perigosa, as tensões.

A guerra, como já ensinava Clausewitz, é total. Logo, não é travada apenas no campo militar. A disputa é muito acentuada também no campo econômico, informacional, cibernético e jurídico, para citar apenas alguns.

No campo econômico merecem destaque as sanções econômicas duríssimas impostas pelos EUA e seus principais aliados contra a Rússia e alguns de seus cidadãos mais proeminentes de forma individual. Os russos, em resposta, cortaram o fornecimento de gás para a Europa, importantíssima fonte de produção energética, em especial para alguns dos mais relevantes países do continente, como Alemanha e Itália.

A guerra econômica causa enormes prejuízos e provoca uma onda inflacionária



As províncias anexadas
Fonte: AFP

em todo o mundo, mas com maior gravidade na Europa. Em um primeiro momento, parece que a guerra comercial tem prejudicado mais os europeus que os russos. Apesar dos embargos e das sanções econômicas, estes viram seus ganhos com a exportação de petróleo e energia para países que não aderiram às sanções, com destaque para a China e a Índia, aumentarem, em razão da alta dos preços dessas commodities.

Putin iniciou essa guerra – que insiste em chamar de Operação Militar Especial – usando como justificativas algumas razões de segurança. Ele alega que a OTAN paulatinamente passou a agregar Estados cada vez mais a Leste, inclusive todos os países que compunham o antigo Pacto de Varsóvia, aproximando-se cada vez mais das fronteiras russas e que uma eventual adesão da Ucrânia à aliança atlântica seria inadmissível, pois representaria insuportável ameaça à segurança do país.

Esses temores estão profundamente arraigados no pensamento estratégico russo, país que não possui fronteiras naturais com os europeus e que foi invadido diversas vezes em sua história, por poloneses, suecos, franceses e alemães.

Há, portanto, uma explicação histórica e geopolítica para a ação russa. Entretanto, é importante lembrar que as frontei-

⁵ Dados disponíveis em <https://www.state.gov/u-s-security-cooperation-with-ukraine/#:~:text=In%20FY%202021%2C%20Ukraine%20received,%2475%20million%20in%20lethal%20assistance>

ras ucranianas e russas são reconhecidas por toda a comunidade internacional, inclusive pelos russos, que se comprometeram por escrito, em 1994, no Memorando de Budapeste, a não usar ou ameaçar usar a coerção econômica ou seu poder militar contra a Ucrânia, em troca da entrega à Rússia das armas nucleares que tinha em seu poder, por tê-las herdado da antiga União Soviética.

Putin tenta conquistar, pela guerra, territórios de outro país soberano. É a primeira vez que isso acontece na Europa desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Para isso, emprega todos os recursos de poder da Rússia, uma potência nuclear.

De outro lado, a Ucrânia se defende resolutamente, apoiada pelos Estados Unidos e pela OTAN. Aliás, a guerra, em efeito certamente indesejado pelo presidente Putin, revigorou fortemente a OTAN, atraindo novos aliados, como Suécia e Finlândia e convencendo os governos europeus a investirem muito mais em seus aparatos de defesa.

Trata-se de uma crise gravíssima, cujo resultado, no campo militar, permanece incerto no momento em que escrevo este texto. No entanto, um fato é certo: o equilíbrio mundial e a ordem internacional serão decisivamente impactados pela invasão russa à Ucrânia.



Fonte: Adobe Stock / Web

Paulo Roberto da Silva Gomes Filho

Coronel de Cavalaria da Reserva do Exército, Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras, Mestre em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Especialista em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina e Mestre em Estudos de Defesa e Estratégia pela Universidade Nacional de Defesa da República Popular da China, onde morou. Foi instrutor dos cursos de Cavalaria da Academia Militar das Agulhas Negras, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. É Bacharel e licenciado em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército, especialista em Inteligência Militar pela Escola de Inteligência Militar do Exército e Direito Internacional dos Conflitos Armados pela Escola Superior de Guerra. Serviu em Unidades e Grande Unidades de sua Arma no Rio Grande do Sul e no Paraná. Comandou o 11º Regimento de Cavalaria Mecanizado em Ponta Porã-MS. Atualmente é analista do Centro de Estudos Estratégicos do Exército e dedica-se aos estudos de assuntos estratégicos e geopolíticos, e de liderança. Ministra cursos e palestras na área e mantém o Blog do Paulo Filho, além de um canal no Youtube, no qual se dedica ao tema.